

# Carta ao comunista sardo

## Letter to the Sardinian communist

Ana Livia Adriano\*

**Resumo:** Na diversidade que compõe a tradição marxista – cujo ponto de conexão parece residir na perspectiva totalizante de compreensão da vida social e da história como um constructo humano atravessado por antagonismos e possibilidades concretas de transformação – o pensamento de Antônio Gramsci parece atestar atualidade e significativa relevância, na depuração destes tempos brutos, brutalmente desigual e exigente de lucidez, firmeza e organicidade teórica e política. Muitos estudiosos, jovens e mais experientes, no Brasil e no mundo, dedicam-se a compreender o pensamento e a vida deste autor e, a partir destas incursões, contestando as armadilhas dos dogmatismos e dos revisionismos, desvelar o presente, em sua dinamicidade e processualidade histórica. Para tanto, é necessário estabelecer como núcleo medular – mas não exclusivo – destas reflexões, a obra gramsciana; o tempo de Gramsci. Este texto – de natureza propedêutica ao estudo da obra gramsciana – é um esforço de síntese da apreensão das potencialidades e asperezas que peculiarizam os diálogos que construímos – enquanto sociedade e profissão – com o comunista sardo, os quais parecem conservar como fio de unidade, a conexão vital e necessária que a obra deste autor tem com os de baixo, na crítica radical e contumaz a este mundo terrível. Exatamente por procurar enfrentar tal esforço via apreensão do estabelecimento dos referidos diálogos, então travados por dentro da obra gramsciana, o presente texto assume a forma de uma carta – afinal, cartas costumam dizer muito sobre quem as recebe.

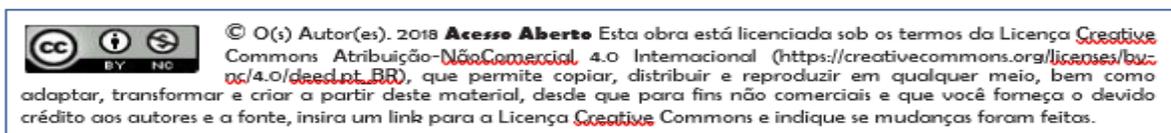
**Palavras-chave:** Antonio Gramsci; marxismo; tradutibilidade

**Abstract:** In the diversity that makes up the Marxist tradition - whose point of connection seems to reside in the totalizing perspective of understanding social life and history as a human construct traversed by antagonisms and concrete possibilities for transformation - Antonio Gramsci's thought seems to attest to the present and to link, in the purification of these rough times, brutally unequal and demanding of lucidity, firmness and theoretical and political organicity. Many scholars, young and more experienced, in Brazil and in the world, dedicate themselves to understand the thought and the life of this author and, from these incursions, contesting as traps of dogmatism and revisionism, unveil the present, in its dynamism and historical procedurality. Therefore, it is necessary to establish these reflections as the medullary nucleus - but not exclusive - the grammatic work; Gramsci's time. This text - of a propaedeutic nature to the study of the grammatic work - is an effort to synthesize the apprehension of the potentialities and harshness that characterize the dialogues that we have built - as a society and profession - with the Sardinian communist, which seem to preserve as a thread of unity, vital and necessary connection that the work of this author has as the ones below, in the radical and persistent criticism of this terrible world.

**Keywords:** Antonio Gramsci; marxism; translatability

Recebido em: 28/02/2021

Aprovado em: 13/05/2021



\* Doutora em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora da Escola de Serviço Social da Universidade Federal Fluminense (UFF/ Niterói).

**Camarada Antonio Gramsci,**

Te escrevo de um tempo sombrio, em que barbárie anda de mãos dadas com a estupidez, caucionando a morte e a indiferença como suas principais insígnias. A crise sanitária que há mais de um ano atravessa vários países do mundo – contabilizando aproximadamente 120 milhões de pessoas infectadas no mundo pelo novo Coronavírus (SARS-CoV-2) e um crescimento vertiginoso de óbitos (2 milhões e 600 mil mortes) – associa-se ao recrudescimento da crise do capital e de um dos seus componentes essenciais, a desigualdade social. Evidenciando um ordenamento político-econômico marcado por uma assombrosa exponenciação do capitalismo financeiro nos moldes ultraliberal, a pandemia amplificou o metabolismo antissocial do capital (ANTUNES, 2020) e, por conseguinte, o seu potencial destrutivo. “Nestes tempos de crise estrutural e destruição, a melhor imagem dessa formação societal é de uma totalidade completamente deformada” (ANTUNES, 2020: 12). As condições de vida e trabalho alteraram-se brutalmente nos últimos meses e as manifestações da questão social receberam novos contornos, aprofundando as velhas estruturas que a sustentam. À fome, pobreza, desemprego, informalidade e adoecimento associa-se o esgotamento dos sistemas de saúde no mundo, o distanciamento social, o adoecimento físico e psíquico, o aumento da violência doméstica, a inserção do *home office* em todas as esferas produtivas, um processo de precarização da vida dos trabalhadores que tem como protótipo maior a “uberização”<sup>1</sup>. O crescente trabalho intermitente e as relações de trabalho individualizada e invisibilizada travestem-se “de prestação de serviços e obliteram as relações de assalariamento e exploração do trabalho” (ANTUNES, 2020: 20), de forma que a uberização, atravessa vários segmentos dos trabalhadores, dentre eles o trabalho docente (cuja face mais premente dessa precarização é o ensino à distância e, nos contornos mais atuais, o ensino remoto emergencial). Na formação dos intelectuais e da cultura, a hegemonia do grande capital parece produzir uma regressividade ideopolítica na realização da política e de outras formas de consciência crítica.

No Brasil, as faces da pandemia são muito mais perversas. Além do extermínio da juventude negra, das mulheres, dos militantes, dos mais pobres, a morte se instaura explicitamente como uma estratégia de poder. Morre-se de fome, de desespero, de desamparo. Os ratos que invadiram a peste de Orã, narrada por Camus, adquirem forma humana e visibilidade no poder e sentem um certo gozo em continuar matando por asfixia. Diferentes da

---

<sup>1</sup> “Uberização do trabalho, distintos modos de ser da informalidade, precarização ilimitada, desemprego estrutural exacerbado, trabalhos intermitentes em proliferação, acidentes, assédios, mortes e suicídios: eis o mundo do trabalho que se expande e se desenvolve na era informacional, das plataformas digitais e dos aplicativos” (ANTUNES, 2020: 09).

tua narrativa<sup>2</sup>, os ratos aqui não ascendem à montanha para convencê-la a produzir insumos para a humanidade; ao contrário, desprezam com escárnio a vida, de forma que falta oxigênio na natureza; falta oxigênio nos hospitais; falta oxigênio nas relações sociais. A asfixia, cuja sensação mínima conhecias bem através das crises respiratórias, é uma estratégia genocida e naturalizada. As configurações de uma burguesia amorfa, que odeia os pobres e alimenta-se historicamente do autoritarismo, encontra nos ecos antidemocráticos do neoliberalismo o terreno de expansão de seus tentáculos de extinção de direitos e recrudescimento da intolerância e da barbárie. A ousadia dos que tentam compreender sua morfologia, suas complexidades e potencialidades reclama uma certa apreensão dos traços de continuidade e de ruptura que sincroniza o presente, bem como exige o afastamento de uma espécie de “romantização” do passado – em que o saudosismo ou o presenteísmo fratura a consciência histórica, à medida que nem sempre nos permite compreender os sentidos que o passado atribui a “uma continuidade coletiva de experiência” (HOBSBAWM, 2013: 38) – que nos possibilite identificar que nos sentidos deste suporta-se e comporta-se o futuro. Nessa tarefa, a sua obra é atual e indispensável. Sua atualidade se atesta à medida em que a história em ato, a política, se coloca como condição para se “chegar a uma justa análise das forças que atuam na história de um determinado período” (estrutura e superestrutura), como afirmas no Q13.

Há algum tempo desejamos enviar-te notícias, mas só recentemente criamos condições para escrever-te. Há aproximadamente meio século, convivemos contigo. Nesse período, teus escritos, elaborações teóricas, tua trajetória singular vêm se tornando de conhecimento público e, por conseguinte, apresentados sob diversos matizes. És presente nas maduras ou propedêuticas reflexões construídas por pesquisadores, educadores e militantes nos vários espaços de possíveis elaborações teórico-políticas: os partidos, os movimentos sociais, os sindicatos, a universidade, as categorias profissionais. A propósito, como não nos conhecemos, é necessário e conveniente que circunscrevamos algumas particularidades nossas: somos latino-americanos. Habitamos as terras brasileiras. Carregamos em nossas veias – ainda abertas<sup>3</sup> – o sangue, as tradições<sup>4</sup> e as lutas dos povos originários, da floresta, dos indígenas do Peru, da Bolívia, do México, da Nicarágua, dos mapuches argentinos e chilenos e, principalmente, dos Guaranis, Tabajaras e Kaiowás brasileiros; em nossos corpos ainda encontram-se fíncadas as

<sup>2</sup> Em 1931, Gramsci escreve em uma carta a Giulia, uma história sobre a sua cidadezinha e solicita que esta seja narrada a Délio, seu filho. Esta história ganhou ilustração e foi recentemente publicada pela Editora Boitempo, com o título *Rato e a Montanha*.

<sup>3</sup> Alusão ao livro *As veias abertas da América Latina*, de Eduardo Galeano (1979).

<sup>4</sup> As tradições vinculam-se, aqui, à compreensão da cultura em sentido amplo, isto é, “como concepção do mundo”; a linguagem, a produção literária, artística; a forma de viver de um povo (Q16 e 26).

marcas dos chicotes que açoitaram os negros anos a fio e, da nossa garganta, ecoam os gritos dos “de baixo”: das mulheres que historicamente são submetidas às mais aviltantes formas de violações e violências; das crianças que morrem de fome; dos jovens que tem o presente exterminado; dos que rompem as fronteiras geográficas fugindo da fome, da violência e da falta de esperança; daqueles que não são livres para lutar e amar; dos que desafiam o poder e a vida, com seus corpos, corações e mentes. Como canta Neruda, “Somos povo, povo inumerável. [Temos] em nossa voz a força pura para atravessar o silêncio e germinar nas trevas”. Vimos atravessando a noite escura, com as dores da opressão e a força dos oprimidos. Nesta, as nervuras das mãos entrelaçam-se, humanizam-se.

Algumas peculiaridades do teu *Mezzogiorno* (salvaguardada as diferenças abissais da formação social dos continentes e países) se fazem presentes entre nós. Deste lado dos trópicos, *a questão nacional*<sup>5</sup> vem atravessada por uma modernização que conservou as “pesadas heranças do escravismo, autoritarismo e clientelismo” (IANNI, 2004: 33), desembocando na questão do campo, do nordeste, na escravidão, na pobreza extrema, na débil burguesia brasileira (em relação aos centros do poder capitalista<sup>6</sup>) e em suas vias não clássicas de ascensão ao poder, na fragilidade democrática produzida pelo alijamento dos trabalhadores nos processos decisórios do país, na presença da Igreja Católica como organizadora de um conformismo conservador (nas mais variadas vezes, reacionário) e no recrudescimento, em forma e conteúdo, da questão social. Aqui, a luta de classes se faz mediante altos processos de reforma, coerções, perseguições das organizações dos trabalhadores e a “concessão” de direitos que se organizam como produtores de consensos, retirando dos trabalhadores, por vezes, uma capacidade político-organizativa que nem sempre consegue responder com a mesma ferocidade às ofensivas do capital, mas sempre andou de mãos dadas com a luta pela liberdade. Nas encruzilhadas da história, Dandara, Zumbi, Marighella, Chico Mendes, Marielle, Margarida, Apolônio e muitos tantos outros lutaram – assim como ti – com corações, corpos e mentes pelo

<sup>5</sup> Num ensaio provocativo, Pereira evoca a questão meridional, problematizada por Gramsci nos escritos juvenis e atribuída como título de um ensaio incompleto, de 1926, para analisar a obra de Celso Furtado, especificamente o debate sobre o Nordeste brasileiro. Diz Pereira (2009, p.60): “Furtado faz uma leitura similar à que Gramsci fizera cerca de três décadas atrás. Todavia, os dois autores tiram conclusões distintas do mesmo diagnóstico. O primeiro conclui que a revolução ‘marxista leninista’ é inviável; o segundo repensa a forma da revolução. Na base do argumento de Furtado há duas premissas: a) o regime de Stálin é o resultado da materialização do projeto marxista: progresso econômico ao custo da liberdade e b) o marxismo era incapaz de dar respostas democráticas à problemática social das sociedades ocidentais complexas. São duas simplificações. A primeira parece comum a um texto *engajado*, produto e parte constituinte de um tempo de forte agitação política como o Brasil no pré-64. A segunda seria facilmente evitada com uma leitura dos escritos do pensador italiano. Parece que Furtado nunca esteve tão perto de Gramsci quanto no exame dessa questão e ao mesmo tempo bem distante quanto às conclusões que dela extrai”.

<sup>6</sup> Cf. Fernandes (2009).

direito de sermos livre! Milhares de pessoas em nosso continente escarnam e atualizam cotidianamente o mito de *Antígona*, clamando: *Onde estão os nossos mortos? Sob quais condições foram exterminados?* São vítimas da violência oficial do capital formalizada por um Estado que extermina os que sequer tem o *direito ao delírio*, para aludirmos uma vez mais a Galeano – pobres, negros, jovens, crianças, militantes políticos. Como vês, Camarada Gramsci, este mundo permanece crescentemente *grande e terrível*<sup>7</sup>. E, a tua obra, muito nos ajuda a decifrá-lo e enfrentá-lo.

Muito vem sendo dito sobre ti e teus escritos, os quais sempre parecem nos dar respostas e contribuir para formulação de outras tantas perguntas sobre a história, o contemporâneo<sup>8</sup>. Graças ao esforço, a dedicação e a qualificada intervenção teórico-política dos teus companheiros de partido, amigos e familiares, tua obra vem sendo preservada na Itália e no mundo. Certamente, esta preservação não se dá sem tensões e equívocos<sup>9</sup>. Portanto, intencionando organizar, publicizar e sistematizar teus documentos, dois grandes projetos/instituições de fôlego foram construídos: a *Fondazione Gramsci*<sup>10</sup>, em 1950, e a *International Gramsci Society*<sup>11</sup> (IGS), em 1989. Ambas possuem ramificações, criadas por pesquisadores, nas diversas partes do mundo e tem como função precípua afirmar a vitalidade do teu pensamento neste mundo perverso, desigual e contraditório. Alguns dados parecem

<sup>7</sup> Carta à Tatiana, de 12 de março de 1927 (GRAMSCI, 2005: 125).

<sup>8</sup> Nessa esteira, é significativo o número de estudos que tentam *traduzir* conceitos chaves da obra gramsciana para a análise dos determinantes históricos da formação social brasileira e latino-americana. Estado, sociedade civil, cultura, intelectuais, hegemonia ganham relevo na agenda dos pesquisadores. Expressa na polêmica síntese de “ditadura sem hegemonia”, a revolução passiva é tomada como chave analítica para entender as particularidades assinaladas.

<sup>9</sup> Para compreender as tensões e disputas que se processaram entre o Partido Comunista Italiano (tendo como expoente Togliatti), as lideranças da União Soviética e a família de Gramsci, sugerimos ler a preciosa apresentação de Coutinho (1999) à edição brasileira dos *Cadernos do Cárcere* e a apresentação de Gerratana (1978) à edição italiana.

<sup>10</sup> Eis o texto de apresentação do *site* da Fondazione Gramsci: “Em 1950, foi constituída em Roma a Fundação Antonio Gramsci (denominada, em 1954, de Instituto Gramsci), com o propósito de organizar a obra, os documentos do pensador italiano Antonio Gramsci e impulsionar a pesquisa sobre a história do movimento operário na Itália e no mundo. O núcleo original do patrimônio foi constituído, em particular, de livros e revistas que pertenciam a Gramsci aos quais foram acrescidos, no início dos anos sessenta – momento da constituição do arquivo – os manuscritos originais dos *Quaderni del carcere* [Cadernos do Cárcere] e das *Lettere* [Cartas]. Em 1982, nasce a Fondazione Instituto Gramsci que herda e cuida do patrimônio documental e bibliotecário do Instituto. E, desde 1994, a Fondazione conserva, também, o acervo histórico do Partido Comunista Italiano (PCI), preservando a documentação desde o ano de sua fundação (1921) até o ano de sua extinção (1991). Em maio de 2016, a Fundação recebeu uma nova denominação: Fondazione Gramsci Onlus” <https://www.fondazionegramsci.org/fondazione/storia/> [livre tradução].

<sup>11</sup> A Sociedade Internacional Gramsci (IGS) foi fundada em outubro de 1989, na Conferência Internacional *Gramsci nel mondo*, realizada em Formia, Itália. O objetivo da IGS é facilitar a comunicação e a troca de informações entre o grande número de pessoas que estão interessadas, em todo o mundo, na vida e obra de Antonio Gramsci, como também na atualidade de seu pensamento para a cultura contemporânea. (Ver: [http://www.internationalgramscisociety.org/about\\_igs/index.html](http://www.internationalgramscisociety.org/about_igs/index.html)). No Brasil, a IGS foi criada em maio de 2015, num seminário realizado na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). <http://igsbrasil.org/carta-de-criacao-igs-brasil/> e vem se apresentando como um catalisador de vontades coletivas, à medida que propicia espaços de formação e de difusão da obra de Gramsci e de sua vitalidade histórico-analítica.

atestar a atualidade das tuas ideias: segundo a *Bibliografia Gramsciana* (1922-1988)<sup>12</sup>, catalogada e sistematizada sob a curadoria de Francesco Giasi e Maria Luisa Righi e em colaboração com a *Internacional Gramsci Society*, és o autor com a maior bibliografia já catalogada, comportando mais de vinte mil documentos traduzidos em quarenta e um idiomas. Provocada por essa internacionalização, em 2007, a pesquisa *Estudos Gramscianos no mundo*<sup>13</sup>, realizada e publicada pela *Fondazione Gramsci* em colaboração com a editora Il Molino, publica e traduz para o italiano “em volumes antológicos, ensaios retirados da extensa bibliografia internacional” dedicada a ti nas várias partes do mundo. Com relação aos nossos dados, o *Mapa bibliográfico de Gramsci no Brasil* apresenta, “em agosto de 2016, um total de 1.214 (uma mil duzentas e quatorze) obras, compreendendo 706 (setecentos e seis) livros, capítulos de livros e artigos científicos publicados, e 508 (quinhentas e oito) teses e dissertações defendidas” (DEL ROIO; GOMES; LOLE, 2017: 25), destacadamente produzidas nas áreas de educação, saúde e Serviço Social (tendo esta última uma apropriação peculiar da tua obra, demarcada prioritariamente, mas de forma não exclusiva, pelas elaborações teórico-políticas resultantes de uma possível tradutibilidade).

Os teus escritos juvenis (circunscritos nos artigos para a imprensa operária, nas reflexões partidárias e nas correspondências com amigos, companheiros e familiares) te contrariaram e não morreram ao final do dia. A tuas *Cartas do cárcere*<sup>14</sup>, aliás, ganharam um importante prêmio de literatura, ainda nos anos 1940. E, sabe aquela experiência revolucionária de ensino, em Ustica? Foi enredo de um filme, que tem como título *Gramsci 44*<sup>15</sup>. Apesar de algumas – e

<sup>12</sup> Ver <https://www.fondazionegramsci.org/presentazione-studi-gramsciani/>

<sup>13</sup> “A produção científica estrangeira não é fácil de acessar para não especialistas, pois é publicada principalmente em periódicos dedicados aos mais diversos campos disciplinares: história; filosofia; economia política; relações internacionais; estudo de literatura, cinema ou de cultura em geral; teoria política; lei; pedagogia; psicologia; antropologia; lingüística; medicina; teoria e organização da informação. As contribuições vêm principalmente das Américas e da Europa, mas as contribuições de outras áreas do mundo, como Índia, Japão, mundo islâmico e China, também são muito substanciais. Nos últimos anos, testemunhamos o florescimento de uma literatura gramsciana também em países emergentes, como Indonésia, Coreia do Sul ou África do Sul” [livre tradução].

<sup>14</sup> As *Cartas* de Gramsci foram publicadas na Itália em 1947, antes da publicação dos *Cadernos*, os quais só viriam a ser publicados nos anos posteriores, 1948-1951, e ganharam o prêmio Viareggio. Cf. Prefácio às *Cartas* da edição brasileira (GRAMSCI, 2005: 13).

<sup>15</sup> Lançado em 2017, o *docudrama Gramsci 44*, dirigido por Emiliano Barbucci, retrata os 44 dias em que Gramsci esteve preso na Ilha de Ustica. Lá, junto com outros trinta prisioneiros políticos criaram uma escola aberta para a comunidade, com cursos básicos de cultura geral. Bordiga dirigia a parte científica e, Gramsci, a parte histórico-literária. Numa carta enviada à Sraffa aos 21 de dezembro de 1926, Gramsci relata a experiência na expectativa de que ela os ajude a “passar o tempo, sem nos embrutecermos e sendo úteis para os outros amigos”. Nos depoimentos do filme, Gramsci é lembrado por sua generosidade, inteligência e acolhida para com a população e os presos comuns. Um dos episódios bizarros relatados nas *Cartas* à Tatiana, com algum humor, é também registrado no filme. Trata-se da prisão de um porco, que andava solto na vila e havia sido aprisionado por infringir a lei. No filme, esta história é lembrada e se expande ao tomarmos conhecimento de que não só o porco fora preso, mas, também, sua dona, que teve como testemunha da prisão, seu filho criança. E é essa criança, hoje com as marcas de uma longa vida, quem recorda o episódio e o abraço que Gramsci lhe deu naquela ocasião, o qual reverbera em

esperadas – críticas estéticas que recebeu, a película é uma homenagem valiosa a ti e aos teus companheiros e, certamente, ficarias emocionado com os testemunhos dos que participaram desse processo e ainda vivem naquelas paragens. Como registra a sinopse italiana do filme, “Ustica, remota e negligenciada, ainda espera pacientemente no porto, que o barco do continente chegue”. Aqueles que puderam experienciar aquela escola jamais esqueceram-na; assim como não esquecemos, também, do inacabado ensaio sobre a *Questão Meridional*, o qual tornou-se objeto de grandes debates e reflexões, principalmente para pensar a questão da hegemonia. Quanto aos *Quaderni*, estes tiveram uma vida atribulada (BIANCHI, 2008: 297)<sup>16</sup>, mas à medida em que são desvelados teórico-politicamente são, também, palco de grandes e necessárias divergências analítico-interpretativas. Logo após a tua morte, uma mobilização enorme foi realizada na tentativa de preservá-los e publicá-los. Coube a Togliatti a primeira edição dos teus escritos, nos anos 1940, a qual denominou de edição temática<sup>17</sup>. Em 1975, Valentino Gerratana organizou uma nova edição dos *Quaderni*, denominada de edição crítica, em que apresenta um cuidado filológico na edição, enumerando e datando os cadernos e parágrafos e classificando teus textos em A, B e C<sup>18</sup>.

Na Itália, toda a tua obra vem recebendo um monumental projeto editorial nos últimos anos, denominado *Edizione Nazionale delle opere di Antonio Gramsci*<sup>19</sup>. Esta edição objetiva preencher as lacunas e controvérsias dos escritos juvenis, das *Cartas* e dos *Cadernos*. Adensam-se, por sua vez, as possibilidades para os *estudos filológicos e hermenêuticos* (LIGUORI;

---

suas memórias até hoje. Assim eram (são) os fascistas: bestiais e bárbaros; assim é Gramsci: generoso e humano.

<sup>16</sup> Salvos das prisões de Mussolini, os *Quaderni* foram conduzidos para uma segunda prisão. “A operação de edições dos escritos gramscianos no imediato pós-guerra e a combinação teórica e política de seu autor pelas lideranças do PCI tiveram um efeito duradouro” (BIANCHI, 2008: 297). Para um maior debate sobre os *Cadernos*, sua difusão e edições, sugerimos ver, também, Baratta (2004), Badaloni (1991), Coutinho e Teixeira (2011).

<sup>17</sup> Togliatti agrupou os escritos carcerários por temas, a partir dos seguintes títulos: *Il materialismo storico e la filosofia di Benedetto Croce; Gli intellettuali e l'organizzazione della cultura; Il Risorgimento; Note sul Machiavelli, sulla politica e sullo Stato moderno; Letteratura e vita nazionale e Passato e presente*. Conforme Coutinho (1998, p.32), no Brasil “a radicalização da ditadura militar em dezembro de 1968 impediu o prosseguimento do projeto originário, que previa ainda a publicação de *Il Risorgimento* e de *Passato e presente*”.

<sup>18</sup> Os textos denominados por Valentino Gerratana de *A* são aqueles de primeira redação, os quais foram transcritos ou reescritos por Gramsci posteriormente, configurando os denominados textos *C*, os textos que compõem os *Cadernos Especiais*. Todos os textos *B*, de redação única, estão na nova edição dos *Cadernos*, cumprindo uma lacuna da edição temática, que os suprime (COUTINHO, 1998).

<sup>19</sup> “I manoscritti carcerari di Gramsci sono stati pubblicati prima in modo parziale e tematico da Felice Platone e poi da Valentino Gerratana, in ordine cronologico e in forma completa, a parte l'esclusione delle traduzioni svolte da Gramsci tra il 1929 e il 1932. A partire da *L'officina gramsciana*, Gianni Francioni ha proseguito e corretto il *restauro filologico* intrapreso da Gerratana, giungendo a formulare i criteri in base ai quali è stata avviata, nell'ambito dell'Edizione nazionale degli scritti di Gramsci, una nuova pubblicazione dei *Quaderni del carcere*”. (<https://journals.openedition.org/laboratoireitalien/1049>). Já foram publicados dois volumes do *Epistolário* (*Cartas* de 1906 a 1922 e *Cartas* de 1923), um volume dos escritos pré-carcerários dedicado à Revolução Russa e à ambiência da III Internacional e quatro *Quaderni di Traduzione*, sob a responsabilidade de Giuseppe Cospito. Soma-se a este montante, o *Dizionario Gramsciano* (1926-1937), organizado por Liguori e Voza, em 1996, e publicado no Brasil em 2017.

VOZA, 2017: 35) sobre a tua obra, o que certamente nos dará a possibilidade de “recompor a ordem cronológica da escrita, preservando a unidade de cada Caderno e rearranjando os blocos de parágrafos no interior destes” (BIANCHI, 2019: 11).

Esse universo de substanciosas palavras conserva, ainda, alguns “silêncios” entre nós, os quais estão atrelados à difusão/editoração de tua obra. Ainda não a conhecemos em toda extensão e intensidade. Os cadernos de tradução – que produziste no cárcere para “destravar as mãos”<sup>20</sup> – ainda não estão disponíveis em sua totalidade ao leitor brasileiro, bem como os volumes já publicados da Edição Nacional. No Brasil, a recepção de tuas “ideias foi uma possibilidade”<sup>21</sup> que se desenvolveu com inteireza a partir das décadas de 1960 e 1970. Curiosamente, “aquele, que se transformaria, a partir dos anos setenta, em um dos autores estrangeiros mais lidos e discutidos no Brasil – não somente pelos marxistas –, era, até o final dos anos cinquenta, um quase desconhecido entre nós” (COUTINHO, 2009: 37). As primeiras referências a ti foram feitas topicamente em artigos de jornais e livros, entre as décadas de 1920 a 1950, nos quais, trotskistas, imigrantes italianos, antifascistas debatiam sobre a conjuntura internacional, o fascismo, o Partido Comunista Italiano (PCI), a luta pela liberdade dos presos políticos da Itália, a Internacional, etc. Conhecíamos tímidos dados acerca de tua trajetória, das condições de preso político, do vínculo com Croce, das agruras do cárcere, de tua posição de *homem do partido* (tão difundida entre nós a partir dos anos 1940) e, das tuas fragilidades físicas. Te tomávamos, por um “homem franzino e infeliz [...] que resistiu tanto nas cadeias de Mussolini, verdadeiro túmulo dos vivos”<sup>22</sup> e só a partir dos anos 1960<sup>23</sup> pudemos conhecer as

<sup>20</sup> Cf. *Carta à Tatiana*, de 9 de fevereiro de 1929. Após um longo tempo sem poder escrever e tendo sua correspondência reduzida a uma carta por semana, Gramsci consegue receber autorização para escrever, bem como cadernos e caneta.

<sup>21</sup> Secco (2002) afirma que esta possibilidade se instaura pela emergência de centros políticos e intelectuais que difundiam o pensamento de Gramsci, embora a descoberta do Gramsci intelectual só se realize no Brasil nos anos 1960. Quanto à participação do Partido Comunista Brasileiro (PCB), o autor destaca que a ausência do partido na difusão das ideias gramscianas justifica-se, em grande medida, pelo alinhamento deste à União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Sobre a recepção de Gramsci no Brasil consultar Simionatto (1995), Secco (2002), Coutinho (2009).

<sup>22</sup> Cf. o artigo de G. Rosini publicado pelo *O Homem Livre*, que foi o primeiro sobre Gramsci no Brasil e referia-se “ao martírio do condenado à morte lenta e implacável” (SECCO, 2002: 15).

<sup>23</sup> Coutinho (2009) elenca dois ciclos no processo de recepção das obras de Gramsci no Brasil. O *primeiro*, localiza-se nos anos 1960, mediante a ruptura com os manuais soviéticos no PCB e a “[...] ambígua – e, a longo prazo, insustentável – coexistência entre ‘marxismo ocidental’ na cultura e ‘marxismo-leninismo’ na política” (COUTINHO, 2009: 38). O *segundo ciclo* localiza-se a partir da segunda metade dos anos 1970, ultrapassando as fronteiras do PCB e inserindo-se nas universidades e nas lutas dos trabalhadores por democracia e contra o arbítrio. Assim: “Esta difusão, como veremos, superou a linha estreitamente política, manifestando-se, também, no pensamento social em geral, sobretudo, dentro das universidades. Mas, também como proposta declaradamente política, o ‘gramsciano’ brasileiro prosseguiu a sua marcha: começou a expandir-se em diversos setores da esquerda, a qual, talvez pela primeira vez no Brasil, se tornava, finalmente, majoritariamente constituída – pelo menos, desde a fundação do Partido dos Trabalhadores, o PT, em 1980 – por personalidades, partidos e movimentos sociais situados fora do PCB” (COUTINHO, 2009: 40).

filigranas de tua história, escritos, memórias. Talvez tenhamos tido, ao nos aproximarmos mais de ti, a mesma reação do amigo de Único<sup>24</sup> e, assim, ficado como “Mário sobre a ruínas de Cartago” meditando sobre as ilusões perdidas (o que certamente te arrancaria algum riso). Ou talvez esse espanto não tenha se consolidado, se recordarmos que já nos primeiros artigos sobre a tua vida publicados no Brasil, como o de Otto Maria Carpeaux, em 1966, te tomam como indispensável aos que “apreciam a heresia, *the right to dissent*, em suma: a liberdade”. Como vês, Antonio, compreendemos, desde quando possível, que a liberdade é a tua substância! E esse vínculo orgânico entre vocês te tornou infinitamente maior do que o cárcere.

Como afirma Aricó (1988: 45), “todos somos, em certo sentido, tributários do seu pensamento, ainda que alguns não o sejam ou não estejam dispostos a reconhecê-lo”. Em um continente com determinantes históricos, econômicos e político-culturais diversos te tornaste rapidamente um de nós, a ponto de muitas vezes esquecermos tuas raízes meridionais – pois sabes bem que quase sempre a intimidade produz excessos, negligências e imprecisões. Na resistência ao autoritarismo, aos golpes de Estado, bem como na luta pela democracia e no entendimento desta, tu foste/és indispensável! No debate sobre Estado (e, por conseguinte, das imbricações entre sociedade política e sociedade civil); na compreensão das *vias não clássicas* de poder da burguesia; no debate sobre o revisionismo, o idealismo e o reformismo; na luta contra o capital; nos vínculos entre democracia e socialismo e, sobretudo, na apropriação dos fundamentos da *filosofia da práxis*, o teu pensamento é referenciado. “E se há razões para pensar que as incertezas nas quais se debatem as correntes de esquerda colocam em questão a atualidade de tais formulações” (ARICÓ, 1988: 175), impossível é conceber que as construções de novas respostas às perguntas estruturais desta sociedade “possam encontrar-se mais aquém e não mais além do seu pensamento” (ARICÓ, 1988: 175).

Isso não significa dizer que reproduzimos uma espécie de sacralização das tuas ideias a ponto de aprisionar-te mais uma vez (estratégia da qual discordarias frontalmente). Significa “tomá-lo como fonte de problematização. Não se trata de reificar sua teoria, de dar a ela o estatuto de verdade. Pelo contrário. [...] atualizar historicamente essa teoria é evitar sua declamação” (DIAS, 1996: 112). Nesta perspectiva, destacamos a importância, no final dos

---

<sup>24</sup> Numa *Carta à Tatiana*, de 19 de fevereiro de 1927, Gramsci (2005: 118) escreve: “Não sou conhecido fora de círculo bastante restrito; por isso meu nome é estropiado de todos os modos mais inverossímeis: Gramsci, Granusci, Grámisci, Granisci, Gramásci e até Garamáscion, com todos os matizes mais bizarros.” Relata ainda que encontrou um grupo de operários turinenses, do qual, Único, “um formidável tipo de anarquista ultraindividualista”, por sua vez, apresenta Gramsci a um amigo, preso político e comum, e, este, pergunta: “– Gramsci, Antonio? – Sim, Antonio, respondi. – Não pode ser, replicou, porque Antonio deve ser um gigante e não um homem tão pequeno”.

anos 1990, da nova edição dos *Cadernos do cárcere* publicada pela Civilização Brasileira, sob a coordenação do Prof. Carlos Nelson Coutinho, na qual alarga as possibilidades de conhecer, problematizar e atualizar historicamente tua obra. Nesta publicização dos *Cadernos*, fez-se a opção por uma edição “temático-crítica”<sup>25</sup> (COUTINHO; TEIXEIRA, 2011) na qual conserva os *Cadernos Especiais* da edição de Gerratana, mantém os mesmos critérios de numeração das notas “miscelâneas” e, após cada “caderno especial”, as agrupa de acordo com as temáticas priorizadas por estes. Essa nova publicização dos *Cadernos* em língua portuguesa assinala um indiscutível avanço na apropriação do teu pensamento. No entanto, é importante destacar que “a supressão dos textos A torna a publicação dos textos originais incompleta, bem como os limites de seu aparelho crítico, muito além daquele elaborado por Gerratana” (BIANCHI, 2008: 46)<sup>26</sup>.

O fato é que nos últimos anos é possível perceber “um sensível aumento das investigações nas quais seu pensamento é o próprio objeto da pesquisa”<sup>27</sup> (BIANCHI, 2008: 17). Para essa empreitada, reivindica-se a filologia ou, como vem se denominando, uma “virada filológica” marcada por um cuidado analítico que permite “a leitura atenta e em sua integralidade, não de maneira seletiva e oportunista”, como afirma Buttigieg (2017: 25)<sup>28</sup>. A recomposição do “ritmo do pensamento” possibilita um apuramento maior da “história interna dos *Cadernos*” e instaura necessárias e fecundas reflexões capazes de qualificar cada vez mais a disputa com as interpretações de tendências liberais, cristãs e social-democratas, que muito te afastam da *filosofia da práxis*. Nesse processo, alguns conceitos são redefinidos, interpretações

<sup>25</sup> A nova edição brasileira da obra de Gramsci no Brasil, nos anos 1990-2000, comporta seis volumes dos *Cadernos do cárcere*, dois volumes dos *Escritos Políticos (1919-1926)* e dois volumes das *Cartas do Cárcere*, sob a responsabilidade de Carlos Nelson Coutinho, principal organizador deste grande projeto editorial, com a contribuição de Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. Afirma Coutinho (1999: 16): “Todos os seis volumes previstos terão como eixos os “cadernos especiais”, aqueles nos quais Gramsci retomou e reescreveu seus apontamentos iniciais, agrupando-os segundo temas mais ou menos orgânicos. Todos esses “cadernos especiais” serão assim reproduzidos tal como se encontram na edição Gerratana, que reproduz os próprios manuscritos gramscianos. Após cada “caderno especial”, o leitor brasileiro encontrará sempre uma parte intitulada ‘Dos cadernos miscelâneos’ (que são aqueles onde Gramsci reuniu fragmentariamente apontamentos sobre temas variados), na qual estarão contidas as notas ‘miscelâneas’ relacionadas com o tema do ‘caderno especial’ em questão. Essas notas ‘miscelâneas’, de resto, serão dispostas em ordem cronológica, com a indicação de sua proveniência nos respectivos cadernos. O local dessas partes ‘miscelâneas’ (com exceção do uso da ordem cronológica) não se afastará excessivamente daquele proposto na velha edição temática”.

<sup>26</sup> “Os méritos da presente edição são inegáveis. Os mais evidentes dizem respeito à publicação, pela primeira vez em português, de boa parte da produção carcerária, notadamente dos textos que compunham o *Quaderno 19* sobre o *Risorgimento* italiano (...) que permite compreender o conceito de hegemonia no pensamento gramsciano e os limites da capacidade de direção das classes dominantes” (BIANCHI, 2008: 44).

<sup>27</sup> Cf. Bianchi (2008); Francioni (1984); Frosini (2003), Liguori (1996), entre outros.

<sup>28</sup> Nas palavras do referido autor: “Quanto mais se estudam os escritos de Gramsci de perto – particularmente os escritos carcerários que, por muitas razões, incluindo sua forma única exigem cuidado filológico e hermenêutico – mais cedo se abandona o mau hábito de procurar nele uma fórmula pronta para interpretar ou explicar situações políticas e sócio-culturais imediatas” (BUTTIGIEG, 2019: 25).

são (des)absolutizadas e uma possível aristocracia dos teus intérpretes é tensionada na medida que a complexidade de tuas reflexões, o caráter fragmentário e inconcluso do teu texto e a universalidade que o mesmo comporta, exigem uma atmosfera radicalmente democrática e com clara direção teórica e política. O Gramsci comunista, militante, que muito nos ensina sobre a *filosofia da práxis* e nos provoca a alargar “as fronteiras do possível”, não pode ser negligenciado diante de qualquer rigorosidade filológica. Mais ainda: ousamos dizer que o uso da filologia como recurso aos estudos gramscianos só adquire validação se compreendermos que esta exige como fundamento a política<sup>29</sup>; a sistematização da “história em ato”, a exposição do movimento da totalidade.

Nessa perspectiva, o estudo rigoroso dos teus escritos gravita em torno de duas frentes indissociáveis e desafiadoras: *a da tradutibilidade*<sup>30</sup> e *a da criticidade*. Ambas exigem acuidade analítica dos diversos determinantes históricos, políticos e culturais que atravessam a tua obra sob a compreensão de que nenhuma “tradutibilidade é perfeita” e que traduzir é “instituir uma perspectiva hegemônica” (FROSINI, 2017b). Portanto, uma pertinente questão faz-se necessária: que tempos são esses que te traduzem e reivindicam as tuas interpretações? Ainda é o tempo do capital. Como diz Drummond, “tempo de divisas e de gente cortada”. Mas, também, tempo de resistências; de recompor a história resistindo ao seu componente estrutural de violência e opressão. Muito se processou na história desde 1937. No *Breve século XX* (HOBSBAWM, 1995), aquele imperialismo clássico se sofisticou. A humanidade conviveu com as expressões mais aviltantes da barbárie (em que a história parecia estar ameaçada) e, não na mesma intensidade, testemunhou a (des)romantização das utopias. Uma Segunda Guerra Mundial – que dizimou 85 milhões de pessoas, 6 milhões de judeus –; uma Guerra Fria, que dividiu o mundo e colocou os mais pobres cada vez mais no alvo da luta amesquinhada da burguesia pela busca incessante de lucros; a URSS que, ao realizar a revolução proletária a gravitou, posteriormente, no fortalecimento da órbita do capital e da barbárie; as mudanças no desenvolvimento das forças produtivas que deixam os ricos cada vez mais ricos, com capacidade de controlar o mundo em seus satélites e robôs, em detrimento da miséria e precarização das condições de vida dos trabalhadores, nos dizem muito sobre o fortalecimento do imperialismo.

<sup>29</sup> "A 'experiência' do materialismo histórico é a própria história, o estudo dos fatos particulares, a 'filologia' [...] A 'filologia' é a expressão metodológica da importância dos fatos particulares entendidos como 'individualidades' definidas e precisas" (Gramsci apud LIGUORI; VOZA, 2017: 247).

<sup>30</sup> No Q11, § 12, Gramsci afirma: “uma grande cultura pode traduzir-se na língua de outra grande cultura, isto é, uma grande língua nacional historicamente rica e complexa pode traduzir qualquer outra grande cultura, ou seja, ser expressão mundial. Mas, com um dialeto não é possível fazer a mesma coisa”.

Como assinala Hobsbawm (1995: 27), “a destruição do passado é um dos fenômenos mais característicos do final do nosso século”. Há muito não se escreve cartas, há muito não se canta a Internacional e já faz alguns anos que o teu partido se dissolveu, dando lugar, não sem tensões, ao Partido Democrático de Esquerda. Uma nova forma de liberalismo foi encontrada, produzindo grandes transformações no processo de produção e nas relações sociais. O capitalismo assumiu feições financeirizadas, as quais exponenciam a capacidade do capital de acumular lucros, sustentada na processualidade de uma crise estrutural, cuja forma e conteúdo, atualizam a desigualdade e, nesse mesmo movimento, a necessidade do seu contraditório: a vitalidade do pensamento marxiano e da tradição marxista, em seus componentes da economia política, da totalidade e da perspectiva da revolução. A fábrica se complexifica, ganha contornos difusos e o “fenômeno americano” constitui-se como resposta à queda tendencial da taxa de lucro, atualizando as questões assinaladas por ti no Q22, *Americanismo e Fordismo*. Na esfera da cultura, a “imediatez da vida social planetariamente mercantilizada é proposta como a realidade – e, não por acaso, a distinção epistemológica clássica entre *aparência* e *essência* é desqualificada” (NETTO, 2012: 420 – grifo no original). No mundo dos intelectuais, o *lorianismo*<sup>31</sup> ainda é uma peculiaridade proeminente, embora não devamos esquecer a grandiosidade teórica e política de muitos companheiros que pensam o mundo vinculados organicamente com a tua perspectiva de transformação – e se apresentam como referência de texto e de vida, nestas tortas reflexões. Os sons, as palavras, os traços e as formas acusam que, na arte, assim como na vida, “ficou chato ser moderno”. O efêmero, o molecular e o descontínuo, se convertem na “pedra de toque da nova ‘sensibilidade’: o *dado*, na sua singularidade empírica, desloca a totalidade e a universalidade, suspeitas de ‘totalitarismo’” (NETTO, 2012: 420 – grifo no original).

Do lado de cá, morremos aos montes, todos os dias e todas as horas, e a parca e inconsistente democracia que construímos parece explodir no penhasco do grande capital. A bestialidade do capital se reveste de uma política reacionária efetivada por uma direita ultraconservadora que, diante de sua formatação torpe, vem sendo denominada, no Brasil, de neofascista. Nestas terras viceja um governo que não tem nenhum pudor de matar em nome de quem quer que seja para confiscar o Estado a seu favor e reproduzir as históricas práticas de golpes. Tais estratégias parecem corroborar os teus escritos políticos, nos quais afirmas que o

---

<sup>31</sup> “Todo período tem o seu *lorianismo* mais ou menos completo e perfeito, e cada país tem o seu”, afirma Gramsci no Q28 (p.263). Ao que parece, essa afirmação não só é atualíssima como preocupante do ponto de vista de sua concretude. As interpretações da obra de Gramsci também são afetadas pela perspectiva do *lorianismo*, tendo expressão, sobretudo, nas abordagens que o vinculam ao liberalismo, ao stalinismo, ao reformismo e até ao fascismo!

*fascismo é a ilegalidade da violência capitalista, uma profunda decomposição civilizatória.* Derrotá-lo exige a formação e o recrudescimento de uma *vontade coletiva* direcionada a uma ampla reforma intelectual e moral. Por isso, resistimos com arte, com humor, com conhecimento crítico e com o fortalecimento de partidos e movimentos que aglutinam homens e mulheres que, corajosamente, ocupam as ruas, as terras, os corações e as mentes na tarefa de transformar o mundo. Nesse conjunto, localiza-se o serviço social.

Enquanto uma profissão octogenária, o Serviço Social construiu em meio as contradições societárias que a atravessam, elaborações singulares e coletivas dos intelectuais e das entidades políticas da categoria profissional, com a perspectiva de apreender criticamente o mundo e as relações sociais. Na medida que nos incursionávamos no marxismo e na tua obra, construímos recursos teóricos e políticos para compreender o vínculo orgânico do Serviço Social com a história. Tal vínculo nos permite sustentar um projeto de profissão que tem como distintivo histórico a vinculação com as classes subalternas e a referencialidade da *filosofia da práxis*, de forma que *o projeto ético-político é a interpretação mais original que o Serviço Social realizou acerca da tua obra, imprimindo tradutibilidade ao conceito de hegemonia.* Certamente essa afirmação necessita de mediações que esse escrito não nos possibilitará realizar. O importante é demarcar que o projeto profissional representa o esforço de “traduzir” a *filosofia da práxis* político-praticamente na profissão, tendo como elemento caucionante a afirmação da história, em sua substancialidade humana e em seu movimento de afirmação e negação, circunscrita na organicidade da luta de classe e na temporalidade das últimas quatro décadas.

Essa referencialidade nos possibilitou, portanto, compreender o Serviço Social como um intérprete da hegemonia, um elaborador de uma consciência crítica e vontade coletiva, cuja competência política e teórica criou condições para formular uma interpretação político-prática desse conceito (validada pela articulação com as lutas dos trabalhadores). Isto é, o projeto ético-político. O solo histórico que fundamenta essa interpretação tem seu componente seminal nas construções profissionais, deslindadas a partir da década de 1980, as quais tinham como finalidade histórica romper o conservadorismo e o tradicionalismo profissional. A busca por uma redefinição profissional processada no Movimento de Reconceituação e no processo de renovação do Serviço Social colocou a vinculação com as lutas das classes subalternas como uma possibilidade à profissão, ao mesmo tempo que introduz a *filosofia da práxis* como referência para pensar a história, os seus antagonismos e seus movimentos nela. É com esse acúmulo e condições históricas que a profissão formula um conjunto de reflexões, ações e posicionamentos coletivos que a colocam como um dos fermentadores da crítica às relações

sociais e às forças sociais na sociedade brasileira, ao mesmo tempo em que se apresenta como um grande interlocutor das classes subalternas, dos movimentos erráticos e fragmentados que atravessam a sua história e formulação de consciência. A defesa de uma ‘história integral’, como assinala Gramsci, caucionada na “crítica da própria ideia de ‘desenvolvimento histórico’, porque a história é por ele assimilada à política, isto é, a uma série de dinâmicas que adquirem ‘necessidade’ somente na prática de sua própria afirmação e de seu prevalecer (nunca definitivo)” (FROSINI, 2013: 36).

O ético-político se opõe, nesse percurso, ao econômico-corporativo, num processo em que se coloca como sujeito político de seu tempo através da crítica radical aos antagonismos da sociedade burguesa e da conexão com as necessidades dos subalternos. Extrapolar a consciência individual e conectar-se às lutas que ultrapassam a pequena política, isto é, a “política dos corredores”, que deixam à sombra a potencialidade e necessidade histórica da política, é a realização do ético-político; realização esta que se revela como fundamental para as vinculações do Serviço Social com a hegemonia. Nas últimas décadas, o Serviço Social processou, em suas fronteiras, uma reforma intelectual e moral que tem como sustentação a conexão com as lutas sociais, a defesa da democracia e de valores emancipatórios e afirmação da crítica e da *filosofia da práxis* como referencial principal para a realização desta. Tal processamento ocorre num país cuja formação social é marcada por componentes históricos característicos das revoluções passivas, isto é, o alijamento da participação das massas e uma pré-história de nação que, como analisa Coutinho (2011: 35), “não residem na vida das tribos indígenas que habitavam o território brasileiro antes da chegada de Cabral: situam-se no contraditório processo de acumulação primitiva do capital, que tinha o seu centro dinâmico na Europa ocidental”.

O desenvolvimento do capital em sua plenitude requer fontes de dominação, controle de necessidades e de liberdade, bem como o desenvolvimento de um aparato científico e tecnológico necessários à sua reprodução econômica, política, social e ideológica que eleva o grave potencial destrutivo do capital, à medida que o monetarismo neoliberal assume a posição de orientador ideológico da sua reorganização. Um novo estágio do desenvolvimento do capitalismo anuncia uma nova racionalidade de acumulação e controle que se apresenta como irracional e perigosa, uma vez que, o que está ameaçado não é uma área, um país ou região do planeta, “mas o controle de sua totalidade por uma superpotência econômica e militar hegemônica, com todos os meios – incluindo os mais extremamente autoritários e violentos – à sua disposição” (MÉSZÁROS, 2011: 52). A defesa da violência, do terror e da barbárie se apresenta como expressão máxima do imperialismo hegemônico. O domínio faz-se sob o discurso de defesa da *democracia, dos direitos humanos, da igualdade, da participação social*

*e autonomia da sociedade civil* (MÉSZÁROS, 2004) associado à retórica de uma democracia que contempla apenas a escassa socialização da participação política e da garantia das liberdades necessárias ao fortalecimento da acumulação capitalista.

Tais contradições impactam nas formas de ser do Serviço Social, enquanto profissão inserida na divisão social e técnica do trabalho, mediante as exigências de produtividade, da precarização das condições de trabalho (em seus salários, regimes de contratação, requisição de uma produtividade exacerbada, consequências provocadas pela lógica da financeirização das políticas sociais), no processo de formação profissional (mercantilização do ensino superior, ataque frontal aos cursos e professores que fomentam reflexão crítica, os cortes nas pesquisas, desqualificação da atividade científica e o recrudescimento da lógica do auto financiamento das universidades públicas) e na organização política da categoria (dela requisitando fôlego crítico, lucidez para analisar o presente e, ao depurar suas contradições, ser presença na história afirmando a vitalidade das referências teóricas e políticas que a profissão acumulou e que também atribuem substancialidade à hegemonia profissional. Substancialidade esta que se concentra na defesa de uma história integral, em que a política e a filosofia se condensam na história como percurso e fundamento das classes subalternas.

O grande descompasso entre a produção da riqueza e a sua apropriação altera cada vez mais e medularmente a luta de classes, exigindo dos trabalhadores de todo o mundo lucidez e unidade, na luta anticapitalista. Certa vez lembraste que o fascismo e o comunismo não são fenômenos tipicamente italianos; ao contrário, estão disseminados no mundo (obviamente, a problematização das condicionalidades contemporâneas que atravessam ambos – fascismo e comunismo – não será objeto desta carta, considerando as múltiplas complexidades desse debate). O aspecto nodal dessa afirmação reside em apontar que, se lutar por uma existência justa, igual, em que a desumanização não seja o catalisador das relações sociais é uma questão de sobrevivência histórica, esta luta não prescinde do teu pensamento.

Penso que a leitura desse escrito já tomou considerável tempo, de modo que aborrecer-te com minha escrita pífia, que empobrece memórias e fatos tão substanciosos da história, não se coloca nas intencionalidades mais remotas. No entanto, não poderia deixar de escrever-te depois da intimidade construída com a leitura das tuas *Cartas*. *Cartas* estas que, certamente, contarão com o meu regresso. Ali, um Gramsci absurdamente humano reside nas entranhas de cada palavra. Choramos diante do teu amor por Giulia e por tua mãe (que te tratavam como Nino); nos emocionamos profundamente com a saudade de Délio e Giuliano e a preocupação que tinhas com a forma pela qual serias lembrado por eles; sentíamos raiva quando brigavas com Tatiana e atribuía a ela incompreensões e exigências; emitíamos sorrisos curtos com as

narrativas do cultivo de plantas, do teu santo padroeiro e as histórias (em sua maioria não risíveis) que contavas para alegrar a Tatiana e a ti mesmo. Choramos mais uma vez com o teu esgotamento físico, a tua lúcida análise do cárcere: a rotina e impactos psíquicos, como a perda paulatina da capacidade de sorrir ou de ser paciente. Lembramos do testemunho de Graciliano Ramos (2008) – ao afirmar que no cárcere não é um brinquedo literário; é a vida às avessas –, bem como da dura análise de Primo Levi (1988: 153), de que “não é humana a experiência de quem viveu dias nos quais [enquanto homem] foi apenas uma coisa ante os olhos de outro homem”. E, indignadamente, nos emocionamos. Após a leitura do último adeus, apreendemos quão humano tu te fazes neste mundo intensamente *grande e terrível. Grazie Tantissimo!* Em nome de todos os que estão nas trincheiras das lutas anticapitalistas, de ontem e de hoje. Abraços intensos nos Camaradas Marx, Lenin, Trotsky, Mariátegui, Lukács, Hobsbawm, Engels, Marighella, Leandro Konder, Rosa, Flora, Alexandra, Neruda, Carlos Nelson Coutinho, Edmundo Dias, Octavio Ianni, Florestan, e tantos muitos de nós. Nas divergências que os unem no diverso, ninguém solta a mão de ninguém “na luta por uma terra sem amos”.

### Referências

- ABRAMIDES, Maria Beatriz Costa. O projeto ético-político do Serviço Social brasileiro. Tese (Doutorado). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006.
- ABREU, Marina Maciel. Serviço Social e a organização da cultura: perfis pedagógicos da prática profissional. São Paulo: Cortez, 2016.
- ARICÓ, José. La cola del diablo: itinerário de Gramsci en América Latina. Buenos Aires: Punto Sur, 1988.
- BARATTA, GIORGIO. As rosas e os cadernos: o pensamento dialógico de Antonio Gramsci. São Paulo: DP&A, 2004.
- BIANCHI, Alvaro. O laboratório de Gramsci: filosofia, história e política. São Paulo: Alameda, 2008.
- \_\_\_\_\_. Arqueomarxismo: comentários sobre o pensamento socialista. São Paulo: Alameda, 2013.
- BRAZ, Marcelo.(Org.) Carlos Nelson Coutinho e a renovação do marxismo no Brasil. São Paulo: Expressão Popular, 2012.
- BUTTIGIEG, Joseph. Educação e hegemonia. In: COUTINHO, Carlos Nelson; TEIXEIRA, Andréa de Paula (Orgs.). Ler Gramsci, entender a realidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- COSPITO, Giuseppe. Sulla Categoria gramsciana di ‘subalterno’. In: BARATTA, Giorgio; LIGUORI, Guido (Orgs.). Gramsci da un secolo all’altro. Roma: Riuniti, 1999. p. 27-38.
- \_\_\_\_\_. Struttura e sovrastruttura nei “Quaderni” di Gramsci. *Crítica Marxista*, Roma, n.3-4, p.98-107, 2000.
- COUTINHO, Carlos Nelson. Gramsci. Porto Alegre: L&PM, 1981.
- \_\_\_\_\_. Gramsci: um estudo sobre seu pensamento político. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.
- \_\_\_\_\_. Apresentação à edição brasileira. In: GRAMSCI, Antonio. Cadernos do cárcere. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

- \_\_\_\_\_. A presença de Gramsci no Brasil. Em Pauta, Rio de Janeiro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, n. 22, p. 17-44, 2009.
- \_\_\_\_\_; TEIXEIRA, Andréa de Paula (Orgs.). Ler Gramsci, entender a realidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- DEL ROIO, Marcos. Gramsci contra o Ocidente. In: AGGIO, Alberto (Org.). Gramsci: a vitalidade de um pensamento. São Paulo: Editora da UNESP, 1998a. p. 103-118.
- \_\_\_\_\_. O império universal e seus antípodas: a ocidentalização do mundo. São Paulo: Ícone, 1998b.
- \_\_\_\_\_. Gramsci e a emancipação do subalterno. São Paulo: Editora da UNESP, 2018.
- \_\_\_\_\_. Os prismas de Gramsci: a fórmula política da frente única (1919-1926). 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.
- DIAS, Edmundo Fernandes. O outro Gramsci. São Paulo: Xamã, 1996.
- \_\_\_\_\_. Gramsci em Turim: a construção do conceito de hegemonia. São Paulo: Xamã, 2000.
- D'ORSI, Angelo. Gramsci: una nuova biografia. Milão: Feltrinelli, 2018.
- FERNANDES, Florestan. A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica. Rio de Janeiro: Globo, 2009.
- FRANCIONI, Gianni. L'Officina Gramsciana: ipotesi sulla struttura dei "Quaderni del Carcere". Nápoles: Bibliopolis, 1984.
- FROSINI, Fabio; LIGUORI, Guido. Le Parole di Gramsci: per un lessico dei Quaderni del Carcere. Roma: Carocci, 2004.
- GALEANO, Eduardo. O Livro dos Abraços. São Paulo: L&PM, 1997.
- \_\_\_\_\_. As veias abertas da América Latina. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- GERRATANA, Valentino. Apresentação à edição brasileira. In: GRAMSCI, Antonio. Cadernos do cárcere. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- GRAMSCI, Antonio. A questão meridional. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- \_\_\_\_\_. Cadernos do cárcere. v. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- \_\_\_\_\_. Quaderni del Carcere: Edizione critica dell'Istituto Gramsci a cura di Valentino Gerratana. Torino: Einaudi, 2007.
- \_\_\_\_\_. Cadernos do cárcere. v. 4. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- HOBBSAWM, Eric. Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991). São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- IAMAMOTO, Marilda Villela. Serviço Social em tempo de capital fetiche: capital financeiro, trabalho e questão social. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2015.
- IANNI, Octavio. Imperialismo e cultura. Petrópolis: Vozes, 1982.
- \_\_\_\_\_. A idéia de Brasil moderno. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- LIGUORI, Guido; VOZA, Pasquale (Orgs.). Dicionário Gramsciano. São Paulo: Boitempo, 2017.
- MARX, Karl. Manuscritos Econômico-Filosóficos. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- MÉSZÁROS, István. Filosofia, Ideologia e Ciência Social. São Paulo: Boitempo, 1993.
- \_\_\_\_\_. O século XXI: socialismo ou barbárie? São Paulo: Boitempo, 2003.
- NETTO, José Paulo. Crise do capital e consequências societárias. Serviço Social & Sociedade, São Paulo, Cortez, n. 111, p. 413-429, jul./set. 2012.
- PEREIRA, Laurindo Mékie. A questão regional no pensamento de Antonio Gramsci e Celso Furtado. Topoi Revista de História, Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, v. 10, n. 18, p. 48-66, jan./jun. 2009.
- PORTANTIERO, Juan Carlos. Los usos de Gramsci, Introducción a Antonio Gramsci - Escritos Políticos (1917-1933). México: Cuadernos Pasado y Presente, 1977.
- SCHLESENER, Anita Helena. Gramsci, a Revolução Russa e as estratégias de construção da hegemonia. In: ARECO, Sabrina; BIANCHI, Alvaro; MUSSI, Daniela (Orgs.). Antonio Gramsci: filologia e política. Porto Alegre: Zouk, 2019. p. 165-176.

SECCO, Lincoln. Gramsci e o Brasil: recepção e difusão de suas idéias. São Paulo: Cortez, 2002.

SIMIONATTO, Ivete. Gramsci: sua teoria, incidência no Brasil, influência no Serviço Social. São Paulo: Cortez, 1995.

THOMAS, Peter. The Gramscian Moment: Philosophy, Hegemony and Marxism. Leiden: Brill, 2009.

VACCA, Giuseppe. Vida e pensamento de Antonio Gramsci: 1926-1937. Brasília: Fundação Astrojildo Pereira; Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

YAZBEK, Maria Carmelita. Classes subalternas e assistência social. São Paulo: Cortez, 1993.